

ruídos e rebeldias | thiago souza santos*

Boletins do Centro de Cultura Social — 1985/2003

“Toda permissão encerra em si mesma a possibilidade de usurpação legítima”

Nildo Avelino

Vidas completamente vazias. Passamos por ela como meros espectadores. Evitamos riscos, tememos ousar, simplesmente acontecemos. Utilizamo-nos do bom senso para esconder toda nossa covardia. Vamos sucumbindo em abulia e fechamos os olhos para o que estamos fazendo com nós mesmos. “O que somos?”, já não sabemos — nos confundimos em representações. Vivemos conforme regras que nos dispõem no mundo. Temos nossas vontades seqüestradas, nossos corpos docilizados e nossos instintos pacificados, e nem ao menos nos sentimos incomodados — pelo contrário, a impressão é que agora que se tomou tudo o que nós tínhamos, clamamos para que, por favor, leve-nos também.

Frente a toda essa passividade, os anarquistas, editando jornais, revistas, informativos, livros e boletins, inflamam rebeldias, inventam ruídos. Os Boletins editados pelo Centro de Cultura Social (CCS) mantêm esta posição de afronta direta com as verdades midiáticas.

Como o próprio nome já nos indica, seu foco principal está na produção de atividades culturais, tais como, conferências, debates, vídeos, sarais; para “estimular, apoiar e promover o estudo de todas as questões sociais contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo

* Estudante de Ciências Sociais na PUC-SP e integrante do Nu-Sol.

dentro da coletividade próspera e livre”. Apesar das mais importantes iniciativas do Centro serem estas atividades culturais, não se pode ignorar a importância do boletim; pelo contrário, o boletim tem um papel fundamental para o CCS, criando espaços para a divulgação destes mesmos eventos, exposições de análises e ainda criando um diálogo com o leitor.

Apesar do centro ter sido fundado em 1933, os boletins só são editados a partir de 1985, após 17 anos de encerramento forçado de suas atividades. De sua fundação até seus ocasionais e temporários fechamentos, o Centro sempre esteve em estreita ligação com a imprensa operária, na qual muitos dos militantes do próprio Centro faziam parte. Isto possibilitava uma abertura de espaços dos jornais operários para a divulgação de suas atividades — por isso mesmo não havia a necessidade da produção de um boletim. Quando de sua reabertura em 1985, o Centro já não podia mais contar com jornais operários; era preciso produzir um boletim próprio. Os primeiros números tiveram um caráter muito específico de divulgação da programação cultural promovida pelo CCS. Com o avançar dos números, os boletins foram tomando outra forma. Análises mais instigantes e insuportáveis descrevem esse caráter transitório. De basicamente uma proposta de órgão de divulgação das atividades culturais do Centro, torna-se mais analítico e expressivo.

Ao tratar da III Gay Pride de São Paulo o boletim assume um posicionamento que perturba o sono dos democratas e de todos aqueles que gritam e saem às ruas pedindo cada vez mais direitos. “Reivindicações de união civil, direito de herança, direitos previdenciários a parceiros, etc... podem amenizar a vida de uma parcela — muito pequena — de indivíduos, estas reivindicações serão, por outro lado, a cadeia deste florescente movi-

mento social”¹. Saindo da mediocridade das aquisições de direitos, a análise busca uma reflexão acerca da inclusão como uma forma de pacificação dos corpos — um tornar dócil, estilizado e útil. Incluir para adormecer, captar para a gerência dos dissensos, criando assim uma sociedade do consenso — sem oposição.

Não há nem mesmo momento mais propício para estas reflexões que os boletins nos apresentam. Passamos por uma eleição e logo após por uma cerimônia de posse do novo presidente; foram festas dignas de recepção do Papa — nenhuma semelhança é mera coincidência. Criou-se uma fé absurda no “santuário oficioso da democracia burguesa”, e por isso mesmo uma crença na reforma e no salvador.

Junto às análises da situação política e social da atualidade, os boletins também atravessam a história do movimento operário e anarquista. É um resgatar, um percorrer-caminho por ele atravessado. Por isso mesmo encontramos projetos como o “Histórias de Vidas Anarquistas”, que não pretendem idolatrar um indivíduo, apenas procuram não deixar o anonimato silenciar as muitas vozes que gritam, “contribuindo assim para a própria preservação da memória e da história do anarquismo”. Assim, pelo deslocar dos boletins encontramos resgates biográficos de Liberto Lemos, Antonio Martinez, Maurício Tragtenberg, Jaime Cubero. A comemoração do 70º ano da morte de Errico Malatesta também nunca poderia faltar. Uma das primeiras atividades do centro, em 1933, foi a comemoração do 1º ano da morte deste anarquista italiano que muito influenciou o CCS com sua concepção voluntarista da anarquia.

Este ano, o centro completa 70 anos resistindo a ditaduras, democracias, capitalismo, oferecendo um es-

paço para o diálogo político e social. Manter um espaço por 70 anos conservando um posicionamento crítico e reflexivo torna-se uma grande batalha. Em tempos que o rebanho está em alta, espaços como estes são como um pouco de ar.

Nota

¹Nildo Avelino. Boletim do Centro de Cultura Social. Nº 3. CCS, maio/junho 1999.



elogio no desejo, juízo na prisão | edson lopes*

Marcello Rollemberg (org). *Sempre Seu, Oscar: Uma biografia epistolar*. São Paulo, Iluminuras, 2001, 249 pp.

As cartas de Oscar Wilde são os espaços aonde sua literatura se mostra incansável, ininterrupta, diária. Não se pretende acrescentá-las a outras literaturas e comemorar a construção de “obras completas”; dispensa-se a obra como um bloco monolítico, seqüência de produções, estancamento de matérias, o coágulo de uma obra inteira. Para além da reconstrução de uma biografia pela literatura, porque não a tomar como relação limite com que se enfrenta, ironiza, faz-se uma vida? Atenta-se à leitura, a um interesse.

* Estudante de Ciências Sociais na PUC-SP e integrante do Nu-Sol.